

# A escritura e o poder da letra em *Tristes trópicos*

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento  
Universidade Federal do Rio Grande

Nataly Gomes Magno Pinto  
Universidade Estácio de Natal

*Resumo: Este texto tem como objetivo a discussão, sob o ponto de vista Derridariano da linguagem, do capítulo “Lições de Escrita”, de Tristes Trópicos (1955), de Lévi-Strauss, apontando como a escrita foi compreendida pelos integrantes da tribo Nambiquara como forma de diferenciação e poder, por sua função social, mostrando o grau de abertura dos índios brasileiros para a cultura dos brancos e de como a tribo, mesmo sem possuir um sistema de escrita baseada no fonocentrismo ocidental, pratica a escritura dentro de seus jogos de linguagem, desconstruindo a visão etnocêntrica de Lévi-Strauss.*

*Palavras-chave: Tristes Trópicos, Escrita, função social, etnocentrismo.*

*Résumé: Ce texte a comme objectif la discussion, selon le point de vue Derridarien du langage, du chapitre « Leçons de l'Écrit », de Tristes Tropiques (1955), de Lévi-Strauss, signalant comment l'écrit a été compris par les membres de la tribu Nambiquara à la forme de différenciation et pouvoir, avec fonction sociale, présentant le degré d'ouverture des Indigènes Brésiliens à la culture des Blancs et aussi comment la tribu, même sans avoir un système d'écriture basé sur le phonocentrisme occidental, maîtrise l'écriture lors de leurs jeux de langage, en s'opposant à la vision ethnocentrique de Lévi-Strauss.*

*Mots-clés: Tristes Tropiques, Écrit, fonction sociale, ethnocentrisme*

## Introdução

Obra clássica da antropologia, *Tristes Trópicos* (1955) é considerado um marco para os estudos etnográficos do Brasil e “carro chefe” para os trabalhos seguintes do sociólogo.

Tal obra gerou inúmeras controvérsias pelo seu estilo e pelo “método” utilizado por Lévi-Strauss. Infringindo o esquematismo antropológico e explorando as impressões como método, ele mergulha no cotidiano dos tupis, caduvéus, nambiquaras e Bororós, desvendando seus mitos e analisando a simbologia presente nas ações mais corriqueiras das tribos.

Concentrando-se no capítulo “Lições de Escrita”, sob a ótica de Jacques Derrida acerca da linguagem, partindo da análise que fez em *Gramatologia* sobre o capítulo de Lévi-Strauss, veremos o fascínio que a escrita exerce nos Nambiquaras como “segredo dos brancos”, compreendida como instrumento de poder e, logo, instrumento de dominação e exclusão social e, ainda, de como o “jogo” de nomes, praticado pela tribo, é compreendido por Derrida, por sua simbologia, como linguagem, desconstruindo a visão fonocêntrica utilizada pelo sociólogo em seu livro.

## 1. A escrita e Tristes trópicos

“A coisa fala de si mesma”. Ela ouve dizer aquilo que não pode ouvir. Mas ela não pode ler a história que se conta. Nem tampouco a cena da escritura – prévia – na qual se insere a narrativa”. (DERRIDA apud MAJOR, René, 2002. p.85)

## 2. Tratado de etnologia ou obra literária?

Discussão recorrente na área das Ciências Humanas, é verdade que *Tristes Trópicos*, obra do antropólogo francês Charles Lévi-Strauss sobre a expedição feita ao Brasil central em 1938, publicada pela 1ª vez na França em 1955, assemelha-se, em muitas passagens, ora com um diário de campo, ora com um diário pessoal.

No que diz respeito ao diário de campo, Lévi-Strauss descreve os lugares e os costumes dos povos que ele encontra pelo caminho e narra algumas passagens vividas por ele e seu grupo. Já no que concerne ao diário pessoal, o antropólogo narra suas experiências pessoais, sentimentos, impressões, gostos, angústias, o que leva alguns estudiosos da obra a dizer que *Tristes Trópicos* é um livro produto da crise de Lévi-Strauss com a Ciência, com o fazer antropológico. Outros chegam a afirmar, ainda, que a expedição à Serra do Norte foi um fracasso em termos de etnografia, como o faz Luiz de Castro Faria, antropólogo brasileiro que, aos 24 anos, participou da expedição realizada por Strauss por uma exigência legal, já que toda expedição estrangeira devia ter um fiscal do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, que funcionaria de 1933 a 1968 com o objetivo de vigiar o que estava sendo retirado do país.

Segundo Castro Faria, em entrevista dada a Mario Cesar Carvalho, em 16/12/2001, para o caderno *Mais*, suplemento da Folha de São Paulo, Lévi-Strauss não faz etnografia em seu livro, já que nele estão ausentes variáveis de espaço e tempo, as quais Faria considera indispensáveis para a escritura etnográfica:

Foi um fracasso em termos de etnografia. A expedição foi um grande equívoco, um grande erro. Passamos o tempo todo andando. Não permanecemos tempo suficiente em lugar nenhum para estudar alguma coisa. Estávamos sempre viajando.

Quando perguntado pelo entrevistador “Porque a expedição a serra do Norte tem uma aura mitológica entre os antropólogos”, Castro responde:

É a única posição que ela pode assumir. O que há de representativo dela? Nada. *Tristes Trópicos* não é um livro resultante da expedição. Não sei se você já notou uma coisa realmente impressionante, pela qual o livro talvez tenha alguma importância: não há data, não há lugar. Ele fala das impressões dele, é inteligentíssimo.

Faria remete nesse trecho à descrição antropológica, como fica claro. É como se a ciência antropológica, o fazer etnográfico, estivesse vinculada à descrição. Desta forma, nos perguntamos, “Para a “ciência” (fazer antropológico ou etnológico) ser compreendido como tal, é necessária a descrição etnográfica? É necessário um texto esquemático e árido? Para o Castro Faria, que aparece como um dos grandes opositores à obra de Lévi-Strauss, sim. E quando perguntado pela Folha se *Tristes Trópicos* seria um livro filosófico, responde: “Claro. É um livro de pensamento de um homem inteligente, competente, mas não é um livro de antropologia, de etnologia. De jeito nenhum, nunca foi”.

Então, seja a obra de Strauss um diário de campo ou um diário íntimo, um livro filosófico, ou até mesmo um romance, o que faz dessa obra ser elevada ao estatuto de “clássico”, o fato de o autor dominar, como poucos, o poder da escrita em um estilo fluido.

E é a partir da escritura e do papel que ela exerce na cultura ocidental, questão que permeou alguns capítulos da obra citada, que vamos dirigir nosso olhar à cultura Nambiquara, tomando como base o texto que Derrida dedicou em *Gramatologia* à obra de Lévi-Strauss.

### **3. A linguagem e o poder da escrita em “Lições de Escrita”**

Rousseau é quem primeiro coloca o problema central da antropologia, que é o da passagem da natureza à cultura, onde se pode ver o primeiro tratado de etnologia geral; e depois, no plano teórico, distinguindo com clareza e concisão admiráveis, o objeto do moralista e do historiador: “Quando se deseja estudar os homens, é necessário olhar perto de si, mas para estudar o homem, é preciso aumentar o alcance da vista; impõe-se primeiro observar as diferenças para descobrir as propriedades”.

Todo o problema das Ciências Humanas parece estar relacionado à linguagem, seja na aquisição desta, seja no desdobramento ou compreensão, uso da mesma.

Podemos concordar com Derrida, então, de acordo com a assertiva anterior de Rousseau, e também com a teoria do signo lingüístico, de Ferdinand de Saussure, que “a linguagem inicia-se na figura, mas há um progresso em direção ao sentido próprio”.

A linguagem tem, então, uma origem metafórica, poética, para depois se construir como referencial, nos moldes do signo saussureano.

É válido observar também que a idéia da natureza metafórica da linguagem não partiu de Rousseau, mas que Vico, no século XVII, na obra *Scienza Nuova*, admitiu a natureza metafórica das línguas primitivas, contudo atribui essa origem divina. Vico acredita na contemporaneidade de origem entre a escritura e a fala.

De qualquer forma, a escritura, no sentido de escrita alfabética, é a tentativa de encarceramento da fala, da linguagem. A escritura, dessa forma, é um fator de servidão, ela exerce um papel fonocêntrico, logocêntrico. Essa discussão pode ser prolongada através da análise da questão do poder da escritura, no capítulo *Lição de escrita*, da obra *Tristes Trópicos*.

Ao pensarmos a escrita, vem-nos, primeiramente, a relação entre símbolos escritos e unidades sonoras, uma abordagem saussureana. Mas a escrita engloba, além das habilidades de traduzir fonemas em grafemas, habilidades cognitivas e motoras, de ortografia, de selecionar informações e habilidade de expressão.

A habilidade da escrita, ainda, juntamente com a habilidade de leitura, faz parte de um conjunto de práticas sociais, pelas pessoas em um contexto específico.

Desta forma, a habilidade da escritura insere o sujeito em determinada prática ou grupo social, da mesma forma que o exclui. Disto podemos observar que é necessário, ao estudar o referido capítulo, considerar não somente a escritura ou o “alfabetismo”, num conceito mais amplo que engloba a habilidade de leitura, sob a perspectiva antropológica, “que se volta para o estudo dos processos de introdução da escrita em culturas de oralidade primária ou em grupos sociais predominantemente orais, para as diferenças nas estruturas de comunicação e nos processos cognitivos, entre culturas orais e culturas letradas[...]”. (SOARES, 1995, p.13).

Faz-se necessário considerarmos, sobretudo, uma perspectiva sociológica, “que toma a leitura e a escrita como práticas sociais, pesquisa as relações entre essas práticas e as características sociais dos que a exercem [...]”. (SOARES, 1995, p. 13)

Partindo da perspectiva sociológica da escrita, que parece adquirir valor simbólico no contexto social dos Nambiquara, que vamos acompanhar o seguinte relato de Lévi-Strauss:

Teria sido uma insensatez prolongar a aventura. Insisti com o chefe para que procedesse às trocas sem demora. É então que ocorre um incidente extraordinário que me obriga a voltar um pouco atrás. É de imaginar que os Nambiquara não sabem escrever; mas

tampouco desenham, com exceção de alguns pontilhados ou ziguezagues nas suas cuias. Porém, da mesma maneira como agi com os Cadiueu, distribuí folhas de papel e lápis com os quais, de início, nada fizeram; depois, certo dia vi-os muito atarefados e traçar no papel linhas horizontais onduladas. Que queriam fazer, afinal? Tive de me render à evidência; escreviam, ou, mais exatamente, procuravam dar a seu lápis o mesmo uso que eu, o único que então podiam conceber, pois eu ainda não tentara distraí-los com meus desenhos. Para a maioria, o esforço parava por aí; mas o chefe do bando enxergava mais longe. Era provável que só ele tivesse compreendido a função da escrita. Assim, exige de mim um bloco e nos equipamos da mesma forma quando trabalhamos juntos. Não comunica verbalmente as informações que lhe peço, mas traça no seu papel linhas sinuosas e me mostra, como se ali eu devesse ler a sua resposta. Ele próprio se deixa tapear um pouco com a sua encenação; toda vez que sua mão termina uma linha, examina-a ansioso como se dela devesse surgir algum significado, e a mesma desilusão se estampa em seu rosto. Mas não admite; e está tacitamente combinado entre nós que a sua garatuja tem um sentido que finjo decifrar; o comentário verbal segue-se quase de imediato e dispensa-me de exigir os esclarecimentos necessários.

Ora, mal ele reunira todo o seu pessoal, tirou de um cesto um papel coberto de linhas tortuosas que fingiu ler e nas quais procurava, com uma indecisão afetada, a lista dos objetos que eu devia dar em troca dos presentes oferecidos: a este, contra um arco e flechas, uma faca de arrasto! ao outro, contas! para os seus colares... Essa encenação prolongou-se por duas horas. Que esperava ele? Enganar a si mesmo, talvez; mais, porém, surpreender seus companheiros, convencê-los de que tinha participado na escolha das mercadorias, que obtivera aliança com o branco e que partilhava de seus segredos.

(...) A escrita fizera, pois, sua aparição entre os Nambiquara; mas não, como se poderia imaginar, ao termo de um trabalho de aprendizado. Seu símbolo fora imitado, ao passo que sua realidade continuava a ser desconhecida. E isso, com vistas a uma finalidade mais sociológica que intelectual. Não se tratava de conhecer, reter ou compreender, mas de aumentar o prestígio e a autoridade de um indivíduo – ou de uma função – às custas de outrem. Um indígena ainda na idade da pedra adivinhara, à falta de compreendê-lo, que o grande meio de compreender podia, pelo menos, servir para outros fins (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 280-281)

No incidente narrado, Lévi-Strauss aponta a importância da escrita enquanto elemento de poder sobre os homens de uma sociedade, e de como essa relação de poder da escrita foi percebida e utilizada pelo chefe Nambiquara, que, como afirma o sociólogo, fazia parte de uma sociedade cujos membros não sabiam ao menos desenhar.

O chefe percebeu que a escrita fazia parte da cultura dos “brancos” e, dessa forma, se apresentava como um instrumento de poder, de dominação, que poderia ser utilizado por ele para impressionar os outros Nambiquara, que acreditaram que seu chefe e os ‘brancos’ compartilhavam de uma mesma técnica, um segredo. Essa “utilização” da escrita como instrumento de diferenciação em relação aos outros Nambiquara, como instrumento de poder, comprova a constatação de Lévi-Strauss em relação às sociedades ameríndias, de que há sempre uma entropia, um grau de desordem, que lhes permite uma abertura maior ao que é novo ou estranho. Neste caso o “branco” e o que lhe apresentava de novo: a “escrita”.

Segundo Derrida, em sua obra Gramatologia, Lévi-Strauss utiliza-se de um ponto de vista etnocêntrico e fonocêntrico ao afirmar que os Nambiquara não possuem escrita. Ele afirma que:

O fonologismo é, sem dúvida, no interior tanto da lingüística como da metafísica, a exclusão ou o rebaixamento da escritura. Mas é também a autoridade atribuída a uma ciência que se deseja considerar como o modelo de todas as ciências ditas humanas. Nestes dois sentidos o estruturalismo de Lévi-Strauss é um fonologismo (DERRIDA, 1973, p. 125).

Derrida menciona outro relato da obra de Strauss que diz respeito ao fato de os Nambiquara

esconderem os seus nomes dos visitantes, para desenvolver seu ponto de vista.

#### 4. A obliteração dos nomes e a escrita Nambiquara

Os Nambiquara são nomeados de acordo com a função que desempenham, de acordo com a sua significação dentro da tribo, não recebem nomes como se faz na cultura ocidental, e sim, são nomeados uns pelos outros. Realizam, dessa forma, um jogo de “esconde-esconde” dos nomes com seus visitantes, jogo que acaba sendo descoberto pelas crianças da tribo a Lévi-Strauss durante sua passagem.

A interpretação deste “jogo” é feita por Derrida, da seguinte forma:

Se se deixa de entender a escritura em seu sentido estrito de notação linear e fonética, deve-se poder dizer que toda a sociedade capaz de produzir, isto é, de obliterar seus nomes próprios e de jogar com a diferença classificatória, pratica a escritura em geral. À expressão de “sociedade sem escritura” não corresponderia, pois, nenhuma realidade nem nenhum conceito. Esta expressão provém do onirismo etnocêntrico, abusando do conceito vulgar, isto é, etnocêntrico, da escritura. O desprezo pela escritura, notemos de passagem, acomoda-se muito bem com esse etnocentrismo.(...)

Os Nhambiquara – o sujeito da “Lição de escritura” – seriam, portanto, um destes povos sem escritura. Não dispõem daquilo que nós denominamos escritura no sentido corrente. Isto é, em todo o caso, o que nos diz Lévi-Strauss: “Supõe-se que os Nhambiquara não sabem escrever!”. Logo adiante, esta incapacidade será pensada, na ordem ético-política, como uma inocência e uma não-violência interrompidas pela fratura ocidental e pela Lição de Escritura (DERRIDA, 1973, p. 136).

Para Derrida, a sociedade dos Nambiquara não é, por sua vez, uma sociedade sem escritura, pois joga com as palavras, possui simbologias, oblitera os seus nomes. A noção de escritura praticada por Lévi-Strauss é baseada em sua visão fonocêntrica e etnocêntrica. E continua ele:

Como se recusará aos Nhambiquara o acesso à escritura em geral, se não for determinando esta segundo um modelo? Perguntar-nos-emos mais tarde, confrontando vários textos de Lévi-Strauss, até que ponto é legítimo não denominar escritura esses “pontilhados” e “zigzagues” sobre as cabaças, tão brevemente evocados em Tristes Trópicos. Mas, acima de tudo, como recusar a prática da escritura em geral a uma sociedade capaz de obliterar o próprio, isto é, isto é, uma sociedade violenta? (DERRIDA, 1973, p.136)

Evidencia-se, aí, o combate contra o conceito fonológico e etnocêntrico de escritura, conceito que guia todo o pensamento ocidental, e que serve de base para “classificar” as sociedades. E essa escritura etnocêntrica, fonocêntrica, nada mais é do que um objeto de domínio que o homem exerce sobre a sociedade e outros povos.

Tomando como ponto de partida o fato narrado por Strauss em *Lição de escritura*, Derrida discute em sua obra *Gramatologia* o papel da escrita na sociedade, analisando a questão do poder que essa tem perante os povos.

O chefe Nambiquara, que desenhou “zigzagues” e “pontilhados”, aprendeu a Lição de escrita e da escrita, já que compreendeu a função de escravizar que a mesma exerce para quem não possui o seu domínio. Ele aprendeu a função da linguagem sem mesmo compreender o seu funcionamento, sem compreendê-la sob o ponto de vista linguístico, mas social.

Estava, assim, exercido entre os Nambiquaras o poderio da escrita, do homem que “domina” a sua função, poderio que foi analisado por Lévi-Strauss em momento posterior ao narrado em sua obra. A linguagem passa a ter outra função além daquelas que *a priori* conhecíamos.

A escritura compreendida e adotada pelo chefe da tribo dos Nambiquara atuou, naquele

momento, como uma cisão em sua cultura. Eles já possuíam uma escritura, enquanto sociedade que oblitera, que joga com os nomes, com o próprio, mas à medida que instaura o poder da escritura como instrumento de dominação, escritura que rejeita a sua escritura, é como se uma linha atravessasse a sua cultura, uma linha branca da cultura ocidental dita civilizada.

Os seus “ziguezagues” e “pontilhados” poderiam sim possuir alguma simbologia, como mesmo acredita Derrida, mas como se rendem à dominação ocidental e adotam o lápis e papel? Simples, pela fascinação do “branco”, através do encantamento pelo estranho, pelo estrangeiro, pela dominação que este exerce sobre eles. A escritura, nada mais vai representar do que o rompimento, uma linha que atravessa aquela tribo, instituindo a cultura ocidental, escravizando-os, mesmo sem saberem o funcionamento dessa escrita, a escrita da negação da escritura.

### **Considerações finais: o lugar de *Tristes trópicos***

O livro de Strauss ao mesmo tempo narra e descreve as passagens vividas por ele em sua expedição de 1938. Algumas delas foram citadas anteriormente com o objetivo de fazer uma análise do tratamento dado à questão da escritura. Em sua obra, Strauss expõe esses tristes trópicos, tristes pela dominação sofrida pelo homem branco, tristes pela lacuna, pela obliteração de sua cultura.

O lugar de Tristes Trópicos está, então, na denúncia, mesmo que por vezes não-intencional, dessa cisão, dessa ruptura, desse encarceramento, escravidão da cultura escritura silvícola. O lugar de Tristes Trópicos é no “elo perdido” do imaginário brasileiro. Se tornam, dessa forma, irrelevantes as discussões que procuram o seu lugar na ciência, uma classificação, uma nomeação para a obra, porque ela vai além de um simples discurso etnográfico, confessional ou descrição de impressões pessoais, pode ser que ela seja um misto de todos esses aspectos e outros mais, e isso talvez seja o verdadeiro fazer etnológico, antropológico, o método de Lévi-Strauss.

### **Referências Bibliográficas**

- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.
- MAJOR, René. *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SCHWARTZ, Adriano (org). *Memórias do presente – As 100 entrevistas do mais!*. Publifolha, São Paulo, 2003.
- SOARES, Magda Becker. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. In: *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez, 1995.p.5-16.